

LINGUAGEM COMO PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E LINGUÍSTICA: OS SISTEMAS DE PERSONALIDADE MANIFESTADOS POR RASKOLNIKOV EM “CRIME E CASTIGO”, DE DOSTOIEVSKI

LANGUAGE AS A POINT OF INTERSECTION BETWEEN PSYCHOANALYSIS AND LANGUAGE: THE SYSTEMS OF PERSONALITY MANIFESTED BY RASKOLNIKOV, ON "CRIME AND PUNISHMENT", BY DOSTOEVSKY

Nathan Bastos

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos do Pampa (GEBAP)

E-mail: nathanbastos600@gmail.com

RESUMO

Neste artigo buscou-se traçar um diálogo entre psicanálise e linguística, tendo a linguagem como denominador comum. Nesse sentido, tomamos como aporte teórico os escritos do linguista Ferdinand Saussure no que diz respeito ao sistema linguístico e as noções de signo e de valor. Da área da psicanálise, o aporte teórico é Sigmund Freud, fundador da área de estudos e primeiro estudioso da psique humana, principalmente a teoria das personalidades, o nível de felicidade e o conceito de civilização. Para aplicar essas premissas, estudamos o romance “Crime e Castigo”, do escritor russo Fiódor Dostoiévski, e buscamos compreender a cena do crime, que se passa na parte I, no início do capítulo VII e quais as relações entre a psique da personagem com a linguagem que ora ela utiliza para narrar a cena e ora é utilizada pelo narrador onisciente.

Palavras-chave: Linguística. Psicanálise. Linguagem.

ABSTRACT

This paper attempts to represent a dialogue between psychoanalysis and linguistics, having language as a common denominator. This way, we take as base the theoretical writings of the linguist Ferdinand de Saussure regarding the linguistic system and the notions of sign and value. From the area of psychoanalysis, we take the theoretical approach of Sigmund Freud, the founder of this field of study and the first scholar of the human psyche, especially the theory of personality, the level of happiness and the concept of civilization. To apply these assumptions, we study the novel "Crime and Punishment" by the Russian writer Fyodor Dostoyevsky. We seek to understand the crime scene, that goes on in Part I, at the beginning of Chapter VII and what kind relationship between the psyche of the character with the language which sometimes it is used to narrate the scene and sometimes is used by the omniscient narrator.

Key-words: Linguistics. Psychoanalysis. Language.

Só que antes ele já estivera milhares de vezes disposto a dedicar toda a sua existência a uma ideia, a uma esperança, até a uma fantasia. No entanto sempre achara pouco existir; sempre quisera mais. Talvez tenha sido só pela força de seus desejos que então ele se considerou um indivíduo a quem era permitido mais que a outros. (DOSTOIÉVSKI, 2001, p.553)

[...] é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. (FREUD, 2010, p. 123)

1 INTRODUÇÃO

Linguística e Psicanálise podem, em algum ponto, conversar? Esse é o questionamento norteador do texto que segue, em que procuramos fazer uma reflexão que ligue as duas áreas. Tomamos como ponto de apoio do campo da Linguística, Ferdinand Saussure, o estudioso que fundou as premissas básicas da linguística moderna como estudo científico da linguagem; e da Psicanálise, Sigmund Freud, fundador da disciplina e primeiro a se preocupar com as questões do inconsciente humano e descobrir que algumas doenças psíquicas podem ser curadas via linguagem. Nesse ponto temos o denominador comum entre os dois autores e um possível diálogo: a linguagem.

Em verdade, o diálogo entre as duas áreas é bastante profícuo (cf. Flores, 2004), poderíamos estender as discussões por várias e várias páginas, mas precisamos de um recorte nesse momento. Para tal, escolhemos um objeto em que se dará esse diálogo entre psicanálise e linguística: um romance. O objeto foi escolhido não para trazer uma terceira área, a crítica literária, mas sim por entender o romance como linguagem em uso. O romance é *Crime e Castigo*, obra de autoria de Fiódor Dostoiévski, publicado pela primeira vez em 1866. Nela, uma personagem vive uma série de conflitos após ter cometido um crime. Também por ser necessário recortar o objeto, escolhemos a cena do crime e analisaremos como a linguagem é utilizada, ora pelo narrador, ora pela personagem para construir a atmosfera aterrorizante da cena, além de trazer outros excertos do texto para exemplificar quando necessário.

A citação de Dostoiévski que serve de primeira epígrafe ao texto ilustra alguns pontos que serão discutidos à frente, como o caso do princípio do prazer, cristalizado na questão de dedicar a existência “toda a uma fantasia, a uma esperança”. A questão dos desejos também remete à ambição intrinsecamente humana e prova dos anseios mais selvagens que manifestamos, isto é, um desejo de vencer a cima de tudo. Por ser ambicioso, diz o narrador sobre Raskolnikóv, ele pensou que lhe era “permitido mais que a outros”. Complementa esta

discussão epígrafe do texto freudiano, nela, afirma o autor que os homens não são criaturas gentis, que no máximo podem se defender quando atacadas, destacando o instinto e uma grande quantidade de agressividade. O homem é maldoso, ideia geral que perpassa ambas as citações.

Por fim, o texto que segue está segmentado em três itens: 1) referencial teórico, 2) a metodologia e 3) a análise. O referencial teórico se divide, em dois: os pressupostos gerais da área da linguística, com atenção ao sistema linguístico em Saussure e em algumas dicotomias deste autor. E em seguida, os pressupostos da psicanálise, especificamente aos conceitos freudianos de civilização, felicidade e os sistemas de personalidade. No item dois encontra-se a metodologia. E no terceiro a análise do romance, dividida em duas seções, a primeira trazendo algumas informações sobre “Crime e castigo” e em seguida uma leitura da cena do crime e a relação de [Rodion Románovitch Raskólnikov](#) com os sistemas de personalidade e os usos linguísticos, ora da personagem, ora do autor. Complementam o texto a seção de conclusão e as referências utilizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PRESSUPOSTOS DA LINGUÍSTICA

Ferdinand de Saussure ministrou três cursos de Linguística Geral na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 a 1911. Em 1913, faleceu sem ter publicado nada a respeito. Em 1916, O Curso de Linguística Geral – doravante CLG - é editado e publicado, trata-se de um livro póstumo que compilava anotações de alguns alunos dos cursos ministrados por ele. O livro viria a ser reconhecido como precursor da linguística moderna, o que legou a Saussure ser reconhecido como o pai da linguística moderna.

Nas reflexões reunidas no CLG consta uma série de dicotomias¹ elementares para o estudo científico da linguagem, que era o objetivo maior de Saussure. Assim, sugere que a linguística estude a língua como sistema; diferenciando *langue* (língua) de *parole* (fala) e elege a primeira como objeto de estudo; situa dois métodos de estudos, sincrônicos e diacrônicos, e afirma ser a sincronia o modo de estudar as línguas; assegura estar no signo (linear e arbitrário) a unidade linguística básica e que este se segmenta em significante (imagem acústica) e significado (imagem conceitual); distinguiu também forma e substância, (semelhante a dicotomia *langue x parole*) e por fim, sintagma em oposição a paradigma².

2.1.1 O sistema linguístico em Saussure e algumas dicotomias

Noção primeira, essencial, para a compreensão do CLG e das premissas de fundação da linguística contidas no livro é a noção de sistema, proposta por Saussure. Segundo tal concepção, a língua seria um sistema de regras em que um conjunto de unidades (signos) se relaciona, obedecendo a certos princípios de funcionamento e constituindo um todo organizado e coerente.

As unidades da língua a que Saussure se refere são os signos. Segundo o autor “*Os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais; é deles e de suas relações que a linguística se ocupa; podem ser chamados entidades concretas desta ciência.*” (SAUSSURE, 2012, p.147). Há aqui uma primeira delimitação: a linguística estuda os signos em relação, não isolados. Isto nos permite dizer que a linguística, na concepção saussureana, se preocupa em estudar os signos opondo-os dentro do sistema da língua. Neste sentido, o autor faz uma analogia com o jogo de xadrez que é bastante válida:

[...] assim como o jogo de xadrez está todo inteiro na combinação das diferentes peças, também a língua tem o caráter de um **sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas**. Não podemos dispensar-nos de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas e; no entanto, sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato. (grifo nosso) (SAUSSURE, 2012, p.152).

Saussure ao afirmar a existência de um sistema de regras que subjaz o jogo de xadrez e comparando-o com a língua faz com que notemos o conceito de sistema em um exemplo bastante prático. A questão de valor também está presente. Por exemplo, no jogo de xadrez o que faz com que a peça “rainha” seja assim reconhecida é ela estar em oposição a outras tantas peças no sistema fechado de possibilidades do jogo que são “não-rainha”, o mesmo se aplica às outras peças, todas se relacionam no sistema. Uma questão levantada com a metáfora do jogo é que existe uma inter-relação *dentro* de uma estrutura. Seja no tabuleiro, seja na língua, há um sistema que controla os signos e faz com que interajam entre si. Para definir se um signo é um signo da língua é necessário que se ponha este em oposição a vários outros, só a partir desta análise que se pode afirmar que um signo é pertinente naquela língua.

As unidades do estudo da linguística tal como concebido por Saussure são os signos, estes por sua vez são constituídas pela união de dois termos: o significado e o significante. Segundo o autor, “*o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.*” (SAUSSURE, 2012, p.106). A imagem acústica, significante, é

apreendida como o dado linguístico que leva ao conceito; por seu turno, a imagem conceitual, o significado, aquilo que o significante remete. As duas partes do signo estão intimamente ligadas, são inseparáveis, portanto. Saussure exemplifica com a seguinte imagem:



Figura 1: as duas faces do signo linguístico (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Na imagem, o todo dela é o signo, a soma das partes o concebe. Vejamos, ao significante cabe uma parte e ao significado outra parte, ambas inseparáveis. Existem na figura as flechas que apontam tanto para a influência do conceito na imagem acústica quanto vice-versa. A metáfora da folha de papel é pertinente nesse sentido, o significante e o significado são, respectivamente, a frente e as costas de tal folha. Se recortarmos a folha (signo), recortamos sua frente (significante) e suas costas (significado), o mesmo acontece se queirmos a folha, os dois lados sofrem a ação. O signo enquanto unidade abstrata do sistema linguístico se divide em significante e significado para efeitos de estudo, ambos os conceitos são indivisíveis.

Ainda na metáfora do jogo de xadrez, não é interessante o material de que é feita a peça, mas a sua funcionalidade no tocante as regras do jogo. Deste jeito, não importa ao estudioso se a “rainha”, do exemplo anterior, é fabricada de madeira, plástico ou vidro; o interessante para quem irá estudar o sistema é a função que a peça “rainha” ocupa no tabuleiro, os movimentos que ela pode e/ou não pode realizar, o valor dela na contagem dos pontos ao final.

Podemos retomar duas dicotomias que postulou o linguista suíço: *langue* x *parole* e forma x substância. Na primeira dicotomia, *langue* x *parole*, Saussure afirma que a *langue*, língua, entendida como sistema socialmente compartilhado pela comunidade de falantes é seu objeto de estudo; em contraponto, a *parole*, fala, é vista como o modo individual como cada falante utiliza o sistema, assim, não poderia ser estudada cientificamente. Saussure complementa: “A língua [...] é um todo por si e um princípio de classificação.” (SAUSSURE,

2012, p. 41). O autor elege a língua como objeto de estudos da linguística moderna porque é ela que é passível de generalizações, de classificação; compreendendo a fala como individual e assistemática. A diferença entre forma e substância é bem próxima da de *langue e parole*; Saussure afirma que a forma, as unidades em oposição, é seu objeto de estudo, deixando de lado a substância, suporte físico da forma. Podemos comparar o conceito de forma de Saussure com a fonologia moderna – estudo dos fonemas enquanto unidades abstratas de um sistema linguístico – e o de substância com os estudos de fonética modernos – estudos dos fones, forma real como o falante produz os sons.

2.2 PRESSUPOSTOS DA PSICANÁLISE

Sigmund Freud foi um médico e neurologista austríaco considerado hoje o fundador da psicanálise. Seus estudos iniciaram com as técnicas de hipnose como forma de acesso aos conteúdos mentais de pacientes histéricos. Diante do insucesso na cura de pacientes que sofriam com histeria, notou que a indiferença médica e negligência no ambiente hospitalar agravavam os efeitos da doença. Seu intuito então foi estudar as raízes psíquicas do sofrimento histérico, o que fez com que deixasse de lado, de antemão, os pressupostos da medicina que se esgotavam na explicação neurofisiológica dos sintomas.

Seus estudos experimentais partiram do pressuposto de escuta do paciente para descobrir as raízes de sua doença psíquica. Descobriu com isso que a maioria dos pacientes que tratava que apresentavam problemas de afonia, dores, paralisia de membros, angústia, convulsões, entre outros casos, não eram enquadrados em linhas gerais pela racionalidade médica, não se encontrava uma possibilidade de explicação aceitável. O inconsciente e a sexualidade eram temas ainda não estudados, e sobre esses dois eixos que Freud lança as bases de uma ciência nova: a psicanálise.

2.2.1 A civilização, o conceito de felicidade e os sistemas de personalidade em Freud

Freud (2010) ao estudar o homem, suas estruturas psíquicas em relação com a humanidade postula algumas importantes considerações. A esse respeito, nos deteremos a algumas que nos parecem mais pertinentes e serão discutidas no interior desta seção. São elas: a civilização, o conceito de felicidade, e os sistemas de personalidade.

Os sistemas de personalidade, segundo Freud (s/d), são três: o id, o ego e o superego. Podem ser resumidos, grosso modo, em três tópicos:

- O ego, segundo Freud (s/d), seria uma organização coerente dos processos mentais e, “é a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo.” (Freud, s/d, p.10). No entanto, “o ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funda-se com ele. Mas o reprimido também se funde com o id, e é simplesmente uma parte dele”. (Freud, s/d, p.15). Encontra-se no ego o princípio da realidade.
- O id, por sua vez, é a instância dos impulsos, nele se encontram as inclinações mais elementares do sujeito. É determinado por pulsões biologicamente determinadas e determinantes dos desejos, ignora qualquer norma socialmente estabelecida. É regido essencialmente pelo princípio do prazer, é nele que está reservada a energia psíquica.
- Já o superego, ou ideal do ego, tem a missão de reprimir o complexo de Édipo, é a esse evento revolucionário que ele deve sua existência. Por fim, como salienta o psicanalista austríaco, “Enquanto que o ego é essencialmente representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id.” (Freud, s/d, p.21).

Freud explica que esses três sistemas de personalidade regem a consciência humana. O programa do princípio do prazer é o que decide o propósito da vida. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico, desde o início. A respeito da felicidade o autor explica que

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da **satisfação** (de preferência **repentina**) de necessidades **represadas** em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma **manifestação episódica**. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. **Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste**, e muito pouco de um determinado estado de coisas. (grifos nossos) (FREUD, 2010, p. 63 - 64).

Isto é, a felicidade, pelo viés de análise freudiano, é a libertação do indivíduo em relação ao seu superego. É um momento em que as pulsões do id alcançam os mais altos níveis. A felicidade é o momento em que o princípio do prazer ocorre, em que a satisfação imediata, episódica acontece. Segundo coloca Freud (2010) é natural que tenhamos a capacidade de sentir

prazer apenas do/no contraste, somente quando há uma proibição moral é que a felicidade humana é plena. O autor segue sua explicação:

[...] na verdade, o próprio princípio de prazer, sob a influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio de realidade, que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano. (FREUD, 2010, p. 64).

Nesse aspecto, Freud (2010) afirma que o princípio de prazer se torna um mero princípio de realidade. Assim, é o ego tomando forças no homem civilizado que tem de recalcar os seus desejos e torna-os vontades reprimidas. O princípio de prazer é recalcado em nome das regras sociais a que se submete o homem civilizado. Por fim, a civilização é que faz com que os instintos perversos e a atração pelas coisas proibidas sejam tão grandes.

Em relação à civilização Freud constrói um argumento forte:

[...] o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas. [...] seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização. (FREUD, 2010, p.81).

Na visão de Freud (2010) a civilização, ou melhor, a vida em sociedades civilizadas é a responsável pelo mal estar na humanidade. Segundo tal acepção, o homem seria realmente feliz se não fosse submetido a regras sociais. Sendo assim, são elas que fazem com que o homem civilizado seja infeliz, justamente por ele ter de recalcar alguns de seus desejos. A sociedade impõe normas as quais o homem deve obedecer, muitas vezes, em detrimento de suas vontades íntimas. Freud (2010) diz que o mal estar na vida em sociedades civilizadas é fruto dos sentimentos que são recalcados pelo homem moderno, isto é, se vivêssemos em condições primitivas, com menos princípios normativos de viver bem, seríamos mais felizes. No viver civilizado estão as chaves do sofrimento do homem.

2.2.2 Linguística e Psicanálise: uma intersecção

Em linhas gerais, o ponto de intersecção entre as áreas seria a linguagem. Saussure, por seu turno, propôs um estudo da linguagem em sistema, formulou as bases para a disciplina que o consideram o fundador: a linguística moderna. Freud, em suas intentadas, explica que o homem tem doenças que não são de todo curáveis por medicamentos ou enquadradas nos

padrões médicos de seu tempo; com isso em mente, se lança em um estudo totalmente novo para a sua época que se preocupa com a psique humana. Os estudos de Freud o fazem formular a hipótese que as doenças psíquicas podem ser curadas via linguagem, escutando os pacientes consegue tratá-los.

Ambos os autores preocupam-se em estudos com seres humanos, o linguista, estudando o sistema socialmente compartilhados pelos falantes de uma comunidade linguística; o psicanalista, pesquisando como a cura pode vir por meio da linguagem. Desse modo, prova-se que o denominador comum que estamos afirmando existir é verdadeiro.

Especialmente um termo liga, de forma mais profunda, as concepções teóricas de Saussure e Freud: o contraste. O linguista suíço diz que a língua é um sistema de signos contrastivos entre si. Entre os signos há uma noção de valor e a questão do signo ser negativo, ou seja, o signo “livro” é somente entendido como tal por estar em oposição a outros signos que são “não livro”. O signo, basicamente contrastivo, é a unidade básica do estudo científico da linguagem, segundo Saussure. Já Freud, afirma que só podemos derivar prazer intenso do contraste. O psicanalista austríaco faz essa afirmação em relação à sociedade civilizada que o homem é obrigado a conviver, aceitando premissas básicas de convívio social. Em relação aos sistemas de personalidade, se pode dizer que o homem é instintivamente agressivo, e o contraste, isto é, a mudança brusca em relação às regras sociais é que causa prazer no ser humano. Quebrar regras é extremamente prazeroso, ter de pagar por essa quebra torna o homem obediente ao politicamente correto.

Por fim, o contraste é um termo que, além da linguagem causa essa comparação entre psicanálise e linguística. Por estarem no liame da vida humana, as duas disciplinas tratam tanto da linguagem quanto do contraste, embora de formas diferentes, como formas de estudar o ser humano.

3 METODOLOGIA

Escolhemos como método para fazer a intersecção entre psicanálise e linguística é utilizando o romance de Dostoiévski, já citado. Nesse sentido, nos deteremos aos seguintes aspectos analisados na obra: os sentimentos da personagem [Rodion Románovitch Raskólnikov](#) no interior da cena do crime. Esta se dá, especificamente, na parte I do romance, logo no início do capítulo VII. A análise é feita com vistas às tomadas de controle dos sistemas de personalidade: ora do *Id*, ora do *Ego*, ora do *superego*. Assim como o sentimento de felicidade e de culpa com relação à vida civilizada.

4 ANÁLISE

4.1 ANÁLISE DE “CRIME E CASTIGO”, DE DOSTOIÉVSKI:

“Crime e castigo” é um romance do escritor russo **Fiódor Dostoiévski**, publicado em 1866. A narrativa discute temas do regime socialista russo e da filosofia niilista, tendo como pano de fundo um enfoque espiritual e existencialista. Particularmente, a conquista da redenção através da dor, é um dos grandes temas na trajetória de Rodion Románovitch Raskólnikov, doravante RRR. O objetivo desta personagem era praticar uma ação significativa, louvável, que o converteria em uma pessoa de qualidades superiores, comparado a Napoleão Bonaparte, capaz de instituir profundas modificações sociais. Assim, ele arquiteta o projeto, dentro de um terrível conflito interno, de matar a agiota a que ele devia dinheiro. Acaba por perder o controle das ações e no dia do crime assassina a irmã da agiota, que presenciou a cena do crime, flagrando toda a ação. Depois de assassinar as irmãs, RRR furta algumas joias que não lhe renderam nenhum dinheiro. O desenvolver do romance faz com que o leitor acompanhe as mudanças que sofre RRR no seu sentido de culpa cada vez mais forte.

Para fins de análise, faz-se neste trabalho um recorte na obra dostoiévskiana, para fazer inferências sobre os sistemas de personalidade escolhemos a cena do crime de RRR (descrita no item de metodologia), acreditamos ser um dos momentos em que o romance apresenta grande tensão de emoções, a personagem apresenta uma nuance de sentimentos que pode ser esquadrinhada segundo os princípios de realidade e de prazer como afirmados por Freud. O movimento de RRR é pendular, ora está em um gozo tremendo do princípio do prazer, dominado pelas forças inconscientes do *id*, ora está em um perplexo cenário de dúvida, medo e angústia misturados, em um predomínio do princípio de realidade, materializado no *ego*. Por fim, a ocasião do crime é representativa dos sistemas de personalidade de RRR, através deste pequeno recorte no romance podemos explicitar as oscilações psíquicas da personagem diante dos acontecimentos que está levando a cabo. A análise linguística se dá especialmente com atenção à semântica das palavras utilizadas pelo narrador quanto pela personagem.

4.2 RRR E OS SISTEMAS DE PERSONALIDADE NA CENA DO CRIME.

Segundo a teoria psicanalítica o homem é dividido: de um lado o princípio de realidade (*ego*) e de outro o princípio do prazer (*id*). Frank (2003) define o perfil psicológico de RRR, da seguinte maneira:

[...] os traços morais e psicológicos de sua personagem [de Dostoiévski] incorporam a **antinomia** entre, de um lado, a bondade instintiva, a compaixão e a piedade e, de outro, um egoísmo orgulhoso e idealista que se degradou num desdém insolente [...] (grifo nosso) (FRANK, 2003, p. 149).

Desse modo, podemos observar que RRR é uma personagem que reflete o caráter dividido do homem natural, conforme o postulado por Freud (2010). Essa bipartição faz com que RRR peregrine pelos domínios da realidade e do prazer. Um desses momentos de domínio do princípio do prazer é o em que RRR comete o crime, ciente das penas, mas envolto na emergência psicológica que aqueles vários dias adoentado lhe causaram, comete um ato que lhe fará, instantaneamente, recobrar a consciência, mesmo que seja uma consciência febril e transtornada. A cena a seguir trata-se do exato momento em que RRR assassina Aliena Ivánona:

Ele não podia perder nem mais um instante. Tirou o machado por inteiro, levantou-o com as duas mãos, mal se dando conta de si, e quase sem fazer força, quase maquinalmente, baixou-o de costas na cabeça dela. Era como se nesse instante tivesse lhe faltado a força. Mas foi só ele baixar uma vez o machado que lhe veio a força. (DOSTOIÉVSKI, 2001 p. 91).

Façamos um parêntese aqui para explicar outro assunto pertinente. O fato que leva RRR ao extremo de matar a agiota é a vontade de provar a eficiência de sua teoria, como os críticos literários afirmam, que ele próprio estudou, fundamentou e mandou para um jornal de circulação local. Segundo tal teoria, existem dois tipos essenciais de pessoas “as ordinárias” e “as extraordinárias”. As primeiras são entendidas como normais, submissas, vivem da obediência. As pessoas que formam o segundo perfil são as que infringem a lei, os destruidores ou inclinados a isso. Conforme RRR³:

Os crimes desses indivíduos, naturalmente, são relativos e muito diversos; em sua maioria eles exigem, em declarações bastante variadas, a destruição do presente em nome de algo melhor. [...] A primeira categoria é de senhores do presente, a segunda, de senhores do futuro. (DOSTOIÉVSKI, 2001 p. 270).

Com a explicação dada pela própria personagem podemos entender o motivo que levou RRR a cometer o assassinato: ele pensava ser uma dessas pessoas eleitas como salvadoras, e com a premissa de ser o benfeitor para o futuro, teria de fazer o que fosse necessário, inclusive matar. Passada essa primeira parada para explicar a teoria de RRR, sigamos na cena do crime. No ato do crime é possível notar o princípio do prazer concretizado em uma ação: a falta de força antes da machadada é o princípio da realidade, o *ego*, de alguma maneira, tentando controlar o ato inconsequente que estava por ser feito. Logo depois, a força

que lhe foi infundida nos músculos é entendida como o princípio do prazer, o *id* apresentando seu potencial de processo primário do ser humano. Antecedeu à morte o breve encontro de RRR com a velha Aliena, ele havia ido a casa dela com uma cigareira de prata para penhorá-la, mas com o machado escondido debaixo do sobretudo que vestia. Precedem a parte do crime propriamente dito adjetivos e expressões inteiras que produzem a imagem de incerteza que RRR, como por exemplo: “pálido” como a agiota notara. Como resposta ele disse que estava assim por estar com “febre” e, explicou, “é natural que se estivesse pálido, ainda que a contragosto, quando não te sem tem o que comer” (Ibid, p. 91). Adiante o narrador afirma: “Os braços estavam terrivelmente fracos; ele mesmo os sentia a cada instante, cada vez mais entorpecidos e duros [...]” (Ibid, p. 91). Junto a isso, suas “mãos tremendo”. O conjunto da cena com esses jogos de adjetivos constrói a figura de uma pessoa terrivelmente abalada por uma forte psicose. Isto é, o corpo negando os movimentos que o *id* o faz produzir.

Posteriormente, RRR apresenta uma tomada de consciência, diz o narrador: “Ele estava em plena consciência, já não sentia mais perturbação mental, nem vertigem, no entanto as mãos ainda continuavam a tremer.” (Ibid, p. 92). Esse trecho é representativo desse movimento titubeante de RRR. Quando se certificou que Aliena estava morta começou uma busca silenciosa por objetos que pudesse roubar. Encontrou, em baixo de uma cama, um baú com muitas roupas dentro, mexendo nelas roupas, se deparou com um conjunto vermelho:

Antes de mais nada se ele se pôs a limpar no conjunto vermelho as mãos manchadas de sangue, “É vermelho, e no vermelho não se nota o sangue” – ia raciocinando ele, e súbito caiu em si: “Meu Deus! Será que estou enlouquecendo?” – pensou assustado. (Ibid,p. 93).

Também aparece aqui uma rápida tomada de consciência do *ego*, do sentido de realidade, o que não demorou muito. Pois, ainda no apartamento da agiota, que já morrera, se depara com outra personagem que vê a cena em andamento avançado, trata-se da irmã da morta, Lisavieta Ivánovna. RRR sem pensar (leia-se tomado pelo instinto primitivo do *id*) vai até ela, que nem mesmo se esquiva, e a acerta com o machado na parte superior do crânio. Esse segundo assassinato, não planejado, faz com que RRR se sentisse desnortado. O horror de ter tirado a vida de uma pessoa sem culpa (uma pessoa que não estava no seu caminho, teoricamente, como Aliena estava) fez com que ele caísse em um alheamento. Matar Lisavieta lhe causou a retomada de consciência, mas não de uma consciência individual, sua, e sim de uma consciência social, é o superego ditando as regras morais aceitáveis. A regra de não matar outras pessoas

está no ego, embora o homem seja mau e agressivo, como afirma Freud (2010) na epígrafe deste texto, matar é um desejo reprimido de RRR, o id o permite liberar, desde que fosse uma pessoa que totalmente inútil para o futuro, uma pessoa “ordinária” como ditava sua teoria. Desse ponto de vista, a hipótese do superego pode ser provada pelo uso de alguns termos que o narrador utiliza para tratar da situação do segundo homicídio, como por exemplo: “desespero”, “hediondez”, “absurdo”, “crueldade”, “horror”, “repugnância”.

O sentimento de culpa cresce, o que o faz lavar freneticamente o machado e as mãos sujos de sangue, ele os seca em um pano próximo e nota a seguir que a porta havia ficado aberta durante todo o tempo. O narrador nos passa, neste trecho algumas palavras que revelam o sentimento de RRR para com o que havia feito:

Uma ideia angustiante, sombria, crescia nele – a ideia de que estava enlouquecendo, de que naquele instante não tinha condição de raciocinar, nem de se defender, de que talvez não devesse fazer o que estava fazendo... ‘Meu Deus! Preciso fugir, fugir!’.
(Ibid, 95).

Esse trecho se relaciona com o que Freud (2010) afirma como mal estar da civilização, a luta humana pela sobrevivência.

O natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada, se opõe a esse programa de civilização. O significado da evolução da civilização [...] deve representar a luta entre o instinto de vida e o instinto de destruição. A evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida. (FREUD, 2010. p. 142).

Nessa acepção, o medo que RRR nada mais é do que o seu superego regulando os impulsos que o id lhe causou. Na vida civilizada, afirma a psicanálise, o homem tem de recalcar alguns sentimentos, estes se encontram sempre vivos no id, o superego, enquanto noção social e moral, faz com que eles se mantenham recalcados. Em atos de extrema agressividade, como o crime de RRR, o instinto hostil do id é que está no controle.

Logo em seguida, vemos uma quebra nessa linha, é o superego recobrando o papel mediador da realidade. O sentimento de felicidade de RRR se resume a esse breve trecho em que vê Aliena Ivanovna morrendo, ele sente prazer em ver o sangue tingindo os cabelos brancos da usurária, momento em que está envaidecido pela eficiência de sua teoria. O sentimento de culpa, derivado do superego, faz com que ele se sinta em dívida com a sociedade. Sua consciência o faz passar por declínios que o fazem confessar o crime, mais adiante na narrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este texto, buscou-se expor uma das possibilidades de reflexão que as áreas de psicanálise e linguística permitem: a linguagem como ponto de intersecção entre elas. Mostramos que há entre as duas áreas um segundo ponto de encontro que dialoga com a questão da linguagem, trata-se do conceito de contraste, caro tanto a Saussure em sua teoria quanto a Freud em suas reflexões. O contraste é o que define o signo dentro do sistema linguístico, para o linguista; para o psicanalista, a questão do contraste tem a ver com a questão da felicidade, pois, ela provém de um contraste, isto é, apenas quando há uma regra social que é quebrada, instantaneamente, o homem verte felicidade daquele rompimento.

No tocante à análise que fizemos de “Crime e Castigo”, de Dostoievski, foi bastante esclarecedora para entender os controles dos sistemas de personalidade. RRR foi a personagem eleita para incorporar essa antinomia, bem ao modo como apontou Frank (2003), dividida entre a bondade, a realidade representada pelo *ego*, e agressividade instintiva, princípio do prazer, representada pelo *id*. A personagem sente-se extremamente feliz quando consegue fazer com que o seu plano dê certo, sua felicidade emana da quebra de uma lei social básica. A felicidade, através de Freud, está intimamente ligada aos domínios de personalidade, o *ego* e o *id* estão relacionados com ela de forma orgânica, não se separam. Na verdade, o *ego* como regulador das questões sociais faz com que o homem pensa antes de agir, o que faz com que ele seja infeliz, já que para viver em sociedade necessariamente tem que recalcar suas vontades íntimas. Essas vontades recalçadas vão se acumulando do *id*, no inconsciente, lá reside o princípio de prazer, e a quebra das regras sociais que o *ego* impõe faz com que o homem sintase tão feliz.

Em relação a crítica de Frank (2003) é bem possível notar essa ambiência psicológica no romance, se fizermos uma leitura do texto integral como um todo. Especialmente nos excertos escolhidos, procuramos fazer uma análise dos níveis de felicidade, dos sistemas de personalidade e do modo como tais instâncias são representadas na psique da personagem e na linha de pensamento do narrador. A antinomia que, segundo afirma existir o teórico da literatura, apresenta como fundamento do herói de Dostoievski (2001) é relacionada especialmente com as relações que foram delineadas no campo da teoria da literatura entre esta teoria e a psicanálise. Contudo, a análise dos substantivos que fizemos na seção anterior mostra que é bem conveniente uma análise linguística do texto literário. O estudo dos substantivos que aparecem na cena analisada do romance aponta para a ambiência psicológica febril que RRR apresentava, e nesse sentido, ele vagou pelos domínios do princípio da realidade e do prazer. Vertendo felicidade apenas nos momentos em que o *id* estava no controle psíquico. A análise linguística aponta para a psique da personagem.

Enfim, precisa-se deixar claro que a tentativa de aproximação que fizemos entre Psicanálise e Linguística não foi, de modo nenhum, com o intuito de diminuir uma ciência em relação à outra, nem mesmo de fazer uma dicotomia. Ambas dialogam em alguns pontos e escolhemos um deles que melhor se relacionava com o objeto de estudo. É bem provável que esta reflexão tenha sido demasiado curta para abarcar uma relação tão profícua como esta.

NOTAS

- ¹ Saussure afirma que há a necessidade de fazer um recorte para que o estudo seja efetivo. Por este motivo, propôs as dicotomias e escolhe, geralmente, uma delas como forma de estudo em detrimento das outras.
- ² As dicotomias que nos interessarem, dados os objetivos deste artigo, serão mais bem descritas a seguir.
- ³ Afirmamos que quem fala aqui é RRR justamente porque Dostoiévski citado por Frank (2003), diz que suas personagens tem voz própria, isto é, o que elas dizem é de responsabilidade delas.

REFERÊNCIAS

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **A linguística de Ferdinand de Saussure e a psicanálise de Jacques Lacan**. Correio da APPOA, Porto Alegre / RS, v. 1, n.131, p. 5-11, 2004.
- FRANK, Joseph. Dostoiévski: **Os anos milagrosos, 1865-1871**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- FREUD, Sigmund. **O ego e o Id e outros trabalhos**. Obras completas. (1923-1925). Volume XIX. [s/d].
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel; **Dicionário de psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Tradução de Carlos Augusto Leuba Franco, Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.